

## A COMUNICAÇÃO UTILIZADA PELOS SURDOS E A COMUNICAÇÃO UTILIZADA ENTRE OS DEFICIENTES AUDITIVOS SUAS DIFERENÇAS

THE COMMUNICATION USED BY THE DEAF AND THE COMMUNICATION USED BETWEEN THE HEARING IMPAIRED THEIR DIFFERENCES

LA COMUNICACIÓN UTILIZADA POR LAS PERSONAS SORDAS Y LA COMUNICACIÓN UTILIZADA ENTRE LA AUDICIÓN ATERRIZÓ SUS DIFERENCIAS

### Anderson da Costa Lacerda

Mestre pelo Programa de Pós graduação em Ciência e Biotecnologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Universidade Federal do Tocantins, UFT. [costadelacerda@gmail.com](mailto:costadelacerda@gmail.com).

 0000-0002-1862-2743

Correspondência: Universidade Federal do Tocantins (UFT), Avenida NS-15, Quadra 109, Norte, s/n - Plano Diretor Norte, 77001-090 - Palmas, TO – Brasil.

Recebido em: 03.04.2020.

Aceito em: 27.05.2020.

Publicado em: 01.07.2020.

### RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo discutir a partir de um levantamento as diferenças em "Surdo", surdo e deficiente auditivo, com ênfase na data de 26 de setembro - Dia Nacional do surdo. Apesar da data fixada, grande parte dos cinco milhões de surdos brasileiros, ainda são invisíveis para a sociedade. Neste estudo, pretendemos avaliar o nível de interesse, conhecimento dos envolvidos na apresentação deste tema. A comunicação entre os surdos e a Sociedade é muito limitada. Apesar de alguns avanços o capacitismo torna-se presente na vida dos Surdos. Assim, é preciso criar, cada vez, mais mecanismos que atue na inclusão dos Surdos, diminuindo o abismo social, cultural, econômico que a entre a comunidade surda e a sociedade em geral. Como pesquisador, concluo destacando a necessidade de toda a comunidade surda se firmar, por estar presente com sua cultura, construindo sua identidade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Capacitismo. Comunicação. Comunidade Surda. Deficiente auditivo. Surdo.

### Introdução

Existe diferentes formas de se comunicar em nossos dias. Assim, aqueles que consegue comunicar se bem tem maior possibilidade de conseguir destaque. A comunicação é uma palavra derivada do termo latino "*communicare*", que significa "partilhar, participar algo, tornar comum". (INFOPÉDIA, 2020). A relevância da comunicação é destacada por Rodrigues & Rodrigues (2011) como:

Um dos principais fatores para que o processo de inclusão do ser humano seja possível, pois esse acesso significa a participação,

aquisição de conhecimento, convivência e sociabilização. Ela desempenha um papel fundamental na vida do homem, pois é responsável por seu processo de desenvolvimento pessoal e social.

Atualmente, a comunicação pode ser realizada das mais variadas formas: analógica, coletiva, de massa, digital, humana, interpessoal, não verbal, social verbal e comunicação visual. Porém, a comunicação que envolve a comunidade surda, Ciccone (1990 apud DESSEN & BRITO, 1997) define:

Comunicação total como "uma filosofia de trabalho voltada para o atendimento e a educação de pessoas surdas" (p. 06). A comunicação total implica uma forma própria de se entender a pessoa surda e, a partir daí organizar-se uma metodologia de trabalho que objetive o seu atendimento e o seu processo educacional. Ciccone (1990).

Tal percepção começou a ser desenvolvida nos Estados Unidos e utilizava todas as estratégias possíveis para o ensino e a comunicação de surdos. Ciccone (1990 apud FERNANDES & FREITAS-REIS, 2020) deixam claro de que a comunicação total:

Não exclui técnicas e recursos [...] permeia o resgate de comunicação, total ou parcialmente, bloqueadas. E, dessa maneira, seja pela linguagem oral, seja pela linguagem de sinais, seja pela datilologia, seja pela combinação desses modos, ou mesmo por outros que possam permitir a comunicação total, seus programas de ação estarão interessados em aproximar pessoas e permitir contatos. Não se pode isolar uma privação sensorial (CICCONE, 1990, p. 7).

Essa linha de pesquisa e ensino viabilizou a interação entre "Surdos" e deficientes auditivos e entre "Surdos" e ouvintes. Portanto, quando a comunicação possui vários vieses a inclusão ocorre de forma natural, Rodrigues & Rodrigues (2011) esclarece que:

O termo "inclusão" tem se expandido muito e hoje abrange não só os deficientes, mas todas as pessoas que são consideradas diferentes são discriminadas em nossa sociedade. A falta desses recursos, principalmente nos meios de comunicação de massa como a televisão e o cinema demonstram essa discriminação.

Adentro do século XXI a sociedade torna-se cada vez mais consciente das diferenças existentes entre seus indivíduos. Assim, torna-se necessário regular alguns aspectos envolvidos nos relacionamentos sociais decorrentes dessas diferenças. O que leva à discriminação e à exclusão não é a situação de carência material em si, mas o preconceito com relação às pessoas carentes. Isso gera formas diferenciadas de abordagem e tratamento. (BANDEIRA & BATISTA, 2002).

Apesar de todos os desafios a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, o "Surdo", a comunidade surda, tem passo a passo conquistado mais visibilidade no cenário atual. Esse avanço se dá pela atuação de associações representativas, interpretes de Libras, Instituições Religiosas e Intelectuais que fortaleceu a sua importância desde as últimas décadas do século XX. (SILVA et al.2009). Tanto que a data de 26 de setembro, comemora-se o Dia Nacional do Surdo, reconhecido oficialmente pela Lei Federal 11.796. (Brasil, 2008).

### CONCEITO de "surdo", Surdo e deficiente auditivo

O "surdo", com inicial minúscula, indica a condição quando o ouvido de uma pessoa não responde ao som da mesma maneira do que o de uma pessoa ouvinte. (CARDOSO, 2016, p.5).

O "Surdo", com letra inicial maiúscula, refere-se à definição cultural que indica um grupo de pessoas, com seu próprio conjunto de valores, história, língua e cultura. (LANE APUD BISOL & SPERB, 2010, p.8, APUD CARDOSO, 2016, p.4).

Os "deficientes auditivos" seriam as pessoas que não se identificam com a comunidade "Surda". (CARDOSO, 2010; BRASIL, 2002).

No entanto, Bisol & Valentini (2011, p.2), indicam que "[...] contrariamente ao que muitos podem supor, o Surdo que se identifica com língua de sinais e a comunidade surda não gosta de ser chamado de deficiente auditivo. O Surdo tem orgulho de ser surdo e não se considera deficiente [...]".

Os Surdos sabem que não podem ouvir, mas sabem também que podem fazer qualquer coisa que outras pessoas fazem, exceto o ouvir. Eles acreditam que é normal ser surdo, e que não há necessidade de "consertar" seus ouvidos. Ser surdo não é um problema para eles, é apenas parte de quem eles são. O relato pessoal de Crisiane Bez Batti confirma essa situação, (BATTI, 2017, p.7-8) ela relata que:

[...] A identificação que eu senti foi muito forte e comecei a compreender os conceitos que eu repetia automaticamente, mas não entendia. Conheci outros surdos, outras pessoas que haviam passado por situações afins a minha. Entendi por fim que a Libras era algo novo, mas, também, me abraçava de um jeito que o português não havia feito. Sempre deveria ter sido minha primeira língua, já que sou surda. Aos poucos fui me embrenhando nos novos significados, compreendendo coisas, conceitos, pessoas, que até aquele momento não tinham sentido. E gradativamente fui entendendo e assimilando uma nova identidade – a surda. Um encontro entre meus pares. [...]

Eles não se identificam pelo que ouvem e não ouvem. São considerados como "culturalmente Surdos", na medida em que costumam se sentir mais à vontade com pessoas que falam a mesma língua, que no Brasil é a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Os filhos surdos de pais surdos costumam crescer sabendo a língua de sinais e usam LIBRAS como seu meio de comunicação principal. (STROBEL, 2008, p.29).

Assim, Tönnies (1942 apud BRANCALEONE, 2008) explica que um grupo, uma comunidade costuma se sentir mais à vontade, entre si. Este pode ser constituído de parentes, cônjuges, vizinhos, amigos que reciprocamente se gostam, se entendem, convivem, permanecem juntos, ordenam sua vida em comum.

Sendo assim, a definição de uma **Comunidade Surda** não é só de sujeitos **Surdos**, há também sujeitos ouvintes - membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização. (NAKAGAWA, 2012).

No entanto, (BISOL & VALENTINI, 2011, p.2) esclarece:

[...] a situação da pessoa que não se identifica com a comunidade surda tende a ser mais delicada: alguns se incomodam muito quando o déficit auditivo é percebido, outros se reconhecem como deficientes auditivos (dependendo de sua história pregressa, da etiologia da surdez, de suas condições atuais de vida, etc.). [...].

Os **deficientes auditivos**, por aprenderem a se comunicar, através da língua portuguesa, mesmo com alguma perda auditiva continuam inseridos no mundo dos ouvintes. Tavante (2008) descreve a situação mencionada acima por citar Redondo (2001 apud TAVANTE, 2008, p.14):

[...] buscou descrever um grupo de ex-alunos surdos, que se formaram no ensino fundamental, na Escola Especializada Instituto Educacional São Paulo – IESP, da DERDIC – Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação, no período de 1965 a 1996. Seu estudo tinha como objetivo obter dados sobre a situação desses formandos em relação ao mercado de trabalho. Sobre recursos comunicativos utilizados atualmente pelos ex-alunos, 95 ex-alunos utilizam-se de todos os recursos comunicativos (fala, gestos e sinais), representando 70% e em 19 situações, também há o apoio da escrita. Outro grupo de 41 ex-alunos apontam o uso da fala como o principal recurso comunicativo, representando 30% dos entrevistados e em 5 deles, também há o uso da escrita (mas em nenhuma citação a escrita apareceu como recurso isolado). [...].

A pessoa com deficiência auditiva deseja permanecer no "mundo auditivo". Para isso, ela pode utilizar a leitura labial, audição residual, próteses auditivas, implantes cocleares, dispositivos auxiliares e outras tecnologias. (BRASIL, 2005).

Quanto ao termo “Pessoa Deficiente” para os autores Mercer (1974 apud DESSEN & BRITO, 1997) este conceito está vinculado ao papel social. Assim o termo “Deficiente” refere-se a uma rotulação adquirido por estas pessoas. Logo, é preferível utilizar o termo “pessoa deficiente” a utilizar o termo “pessoa portadora de deficiência”.

O papel da sociedade e as características de uma comunidade, Tönnies (1942 apud BRANCALEONE, 2008) formula que: se na comunidade os homens permanecem unidos apesar de todas as separações, na sociedade permanecem separados não obstante todas as uniões. Tais características mencionadas são claramente visíveis entre “Surdos” e deficientes auditivos.

Este último grupo deseja ser cada vez mais visível na sociedade, Tönnies (1942 apud BRANCALEONE, 2008) observa que:

Na sociedade, cada vontade seria reconhecida socialmente como unidade subjetiva, moralmente autônoma, independente e auto-suficiente, estando para si em um estado permanente de tensão com as demais, sendo as intromissões de outras vontades, na maioria das vezes, aludida como ato de hostilidade.

Ao mesmo tempo a sociedade procura tratar os “Surdos” como alguém que é totalmente dependente. Strobel (2008, p.32) relata que:

Nos registros da história dos surdos revela-se que a sociedade se preocupou em ‘cuidar do sujeito surdo’ com uma representação paternalista o sujeito é identificado como alguém que sempre necessita de cuidados.

Habitualmente, a deficiência tem sido considerada como um fenômeno individual, pessoal, onde é identificado algum detalhe na pessoa deficiente podendo ser visível a todos. Deste ponto de vista Omote (1995, p.57 apud DESSEN & BRITO) esclarece que a deficiência é algo que está presente no indivíduo identificando o como deficiente, quer seja no seu organismo ou no seu comportamento, sendo ausente nas pessoas consideradas não deficientes. (OMOTE, 1995, p.57).

Segundo Omote (1995, p.57 apud DESSEN E BRITO, 1997) as diferentes formas com que as deficiências são conceituadas demonstram não somente as diferenças significativas atribuídas as deficiências, mas as diferentes maneiras de como os Surdos são tratados.

Tais pensamentos antigos de associar o Surdo como sujeito limitado. Strobel (2008, p.32) acrescenta que:

Na antiguidade, os sujeitos surdos eram estereotipados como 'anormais', com algum tipo de atraso de inteligência, devido à ausência de pesquisas científicas, desenvolvidas na área educacional. Para a sociedade, o 'normal' era que: é preciso falar e ouvir para ser aceito, então os sujeitos eram excluídos da vida social e educacional; não havia escolas para sujeitos surdos e existiam muitas leis que não acreditavam na capacidade de surdos.

A falta de informação, detalhada, sobre os surdos, gera preconceitos. Quirós & Gueler (1966 apud STROBEL, 2008, p.33) acrescenta que:

[...] ao final da data antiga, falávamos em textos jurídicos de opinião sigilosa, também equiparando entre surdos e dementes, nada disso nos devia assombrar, por isso muitas legislações que não estavam em vigência, apresentavam os mesmos erros conceituais. (QUIRÓS, 1966, p. 154).

Recentemente, o substantivo preconceito agregou mais um sinônimo Capacitismo. Segundo Melo (2016 apud CRASTRUP, 2020) o Capacitismo:

Reúne um conjunto de atitudes preconceituosas que hierarquizam pessoas em função da adequação de seus corpos a um padrão de perfeição, beleza e capacidade funcional. Traduzindo do inglês *ableism* o neologismo capacitismo busca dar visibilidade tanto a uma forma peculiar de opressão quanto a vida das pessoas com deficiência.

Não devemos confundir incapacidade com deficiência. Vieira (2016) descreve deficiência desta forma:

Compreende-se que o novo conceito considera que a deficiência não está na pessoa, mas na relação entre a pessoa (que tem impedimentos em alguma área) com o meio (barreiras), que impedem sua participação plena na sociedade.

Em similaridade, o Decreto nº 7.612/2011, que institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, já traz em seu art. 2º, a definição de pessoa com deficiência consentânea com a Convenção da ONU. (BRASIL, 2011). Especifica no:

Art. 2º São consideradas pessoas com deficiência aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2011).

A expressão “surdo mudo”, nos dias atuais, está caindo em desuso, uma vez que existe um equívoco por boa parte das pessoas. Erroneamente, existe uma relação que se faz da fala com a audição, pois aprendemos a falar ouvindo os outros falarem. Portanto, se os “Surdos” não podem ouvir, logo não aprendem a falar espontaneamente. (CARDOSO, 2016; SASSAKI, 2003).

No entanto, o surdo poderá produzir algum som vocal, mesmo aqueles que se comunicam através da língua de sinais e não sabem falar. A deficiência auditiva é alguma perda sensorial, onde o sintoma é uma reação anormal, diante do estímulo sonoro. Galgliardi & Barrella (1986 apud DENSSSEN & BRITO 1997). A perda da percepção normal dos sons em maior ou menor é classificada com o grau de perda da audição. Esta é avaliada pela intensidade do som, medida em decibéis (dB), em cada um dos ouvidos. Marchesi (apud 1996 DENSSSEN & BRITO 1997)

Alguns, “**Surdos**” desenvolvem a habilidade do oralismo, e apresentam sons vocais ao sinalizar. Dória (1986 apud DENSSSEN & BRITO, 1997) explica que:

O Oralismo consiste no desenvolvimento das habilidades de observação, concentração e imitação por parte da criança surda, utilizando recursos visuais, tácteis, auditivos e cinéticos, de tal forma que a resposta verbal, resultante do conceito mental de som, se manifeste na dicção de palavras completas e significativas para a criança (Dória, 1986).

O desenvolvimento desta linguagem oral é por meio de uma terapia com um fonoaudiólogo. Portanto, não se trata de uma simples nomenclatura. Essa diferenciação do “**Surdo**” e do deficiente auditivo, permite compreender, por exemplo, que um **Surdo** não passa despercebido em uma sala de aula ou em seu local de trabalho, pois utiliza as mãos para se expressar em uma língua gestual visual e poderá usar de mediação de um interprete em língua de sinais. (BISOL, VALENTINI, 2011). Por outro lado:

A situação do **deficiente auditivo** é outra: ele será percebido pelos demais quando se nota a presença de uma prótese auditiva ou se percebe alguma dificuldade (geralmente pequena) de fala. É comum que o deficiente auditivo se esforce muito para que sua dificuldade não seja percebida. A perda auditiva causa desconforto e é muitas vezes motivo de discriminação e preconceito. O uso de uma prótese auditiva, também conhecida como aparelho auditivo, não resolve magicamente todas as dificuldades, devendo ser entendida como um recurso a mais e não o único recurso a ser utilizado para melhorar as condições para a comunicação. (BISOL, VALENTINI, 2011).

Com relação à família do surdo, segundo Cruz (2010, p. 85-89, apud IESDE, 2020):

A criança surda que nasce em uma família de ouvintes, segundo Sacks (1998) e outros autores perfazem 95 % dos surdos, depara-se com conflitos pelas expectativas de seus pais, pelo desejo quase predominante de que seus filhos sejam ouvintes. Diversos Estudos apontam que, para que o processo de socialização da criança surda com sua família ouvinte ocorra de maneira satisfatória, faz-se necessário que esta família reconheça sua especificidade. Para que isso ocorra, seus pais precisam estar informados a fim de buscarem soluções e recursos para essa adaptação.

Contudo, para trazer a "cura" os pais tendem a aceitar a solução mais rápida realizar um implante coclear, muitas vezes sendo passada como única solução pela equipe médica à família. Novamente, Cruz (2010, p. 85-89, apud IESDE, 2020) nos mostra que:

A reação de uma família de ouvintes em relação ao diagnóstico de uma criança surda é complexa e variável. Em geral, todo ser que almeja ser mãe e pai, espera que seu filho nasça semelhante a eles. Para os pais, olhar para seu filho [...] sem um dos sentidos sensoriais (audição) [...] não é simples e aceitável de maneira natural. Não é fácil que estes aceitem a diferença em seu lar, adaptando-se aos novos costumes e necessidades. [...]

[...]. Os pais, ao estarem diante de tal situação, são fortemente influenciados por informações médicas recebidas no diagnóstico da perda da audição. O percurso subsequente será gerenciador de ideias em busca de soluções para a deficiência do filho surdo, fazendo com que, na maioria das vezes, os pais, por mecanismos que visem "resgatar" seu filho da deficiência, acreditando que estudos científicos, médicos e especialistas, que veem a surdez como doença a ser curada ou, ao menos, abrandada, facilitará a comunicação com seus filhos, e possibilitarão recursos comunicativos mais eficazes. Muitos recorrem a implantes cocleares ou aparelhos auditivos, confiantes que seus filhos poderão escutar, cometendo equívoco nas escolhas para o futuro destes.

Também, Pelin (2013, p.10) corrobora que: A má formação do filho real faz reavivar seus conflitos e dificulta a elaboração gradual dos mesmos. A impossibilidade de realizar seus desejos, sonhos e fantasias traz uma grande frustração.

Portanto, é importante que os pais, toda a família, recebam o apoio de um especialista, médico na área de Psicologia, Cruz (2010, p. 85-89, apud IESDE 2020, p.80) explica que o objetivo de tal ajuda é:

A fim de possam no campo emocional, "matar o filho ideal" gestado e desejado durante os nove meses e assim consigam "assumir o filho real". Quando se consegue romper essa dificuldade, as famílias sentem maior facilidade em prover as necessidades do filho.

Assim, Pelin (2013, p.10) reforça que para a mãe, o filho representa a sua reedição, de sua própria infância, um filho diferente é como se fosse o seu oposto, defeito de fabricação. O desejo de reverter esse oposto, defeito de fabricação em um ser igual a eles, os mobiliza para a decisão do Implante Coclear. Todavia, isso não os tornará aceitos pela sociedade, afirmamos, desse modo, que vivemos em uma sociedade intolerante que não aceita diferenças. Bernardinho (2010, apud CRUZ 2010, p. 85-89, apud IESDE, 2020, p. 80). Cita que:

Os amigos do surdo não o aceitam, porque ele é diferente. A sociedade não o aceita, porque ele é incompleto. Os familiares não o aceitam, porque ele é defeituoso. A escola não o aceita porque ele é deficiente. O surdo não se aceita, porque os outros não o aceitam. (BERNARDINO, 2001, p. 40).

As consequências da intolerância, do preconceito, do capacitismo são que:

[...]. Vários surdos acabam se isolando em suas casas por sentirem vergonha, ou optam por passar maior tempo na escola, por terem com quem conversar (amigos surdos), pois, em muitos casos, familiares não dominam o uso da língua de sinais e acabam muitas vezes esquecendo-se de conversar e se comunicar com seus filhos. [...] (CRUZ, 2010, p. 85-89, apud IESDE, 2020, p. 80)

Então, procurar compreender os aspectos que envolve a cultura da comunidade surda facilitará a inclusão de Surdos e estes não serão tratados como deficientes auditivos.

### Material e método

O trabalho de campo foi realizado por meio de grupos de discussão, grupos de reflexão e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa teve início em outubro de 2016 sendo utilizadas as palavras-chaves para realizar a busca: Capacitismo, Comunicação, Comunidade Surda, Deficiente auditivo e Surdo. As plataformas que pesquisamos para construir o artigo foram: *Scientific Electronic Library Online*. [http://www.scielo.org/php/index\\_phr](http://www.scielo.org/php/index_phr), Google acadêmico. <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>, Pubmed. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/>, Eric <https://eric.ed.gov/>.

Os envolvidos neste grupo de pesquisa são profissionais liberais, educadores, entre outros, visando: (a) aproximar pesquisadores, funcionários e familiares, antecipar problemas e estabelecer negociação; (b) trabalhar expectativas, receios, mal-entendidos, e a compreensão do significado da pesquisa; (c) introduzir a discussão

sobre deveres e direitos dos “Surdos” e deficientes auditivos em nossa sociedade, sob forma de palestra.

Os grupos de reflexão foram realizados em instituições educacionais privadas e uma pública. A pesquisa foi apresentada através de uma palestra focado no papel do “Surdo”, do deficiente auditivo e de como estes estão inseridos e de como são aceitos em nossa sociedade.

Os grupos foram convidados a participar de uma pesquisa através de um questionário. Os participantes, foram inicialmente recebidos com reações que variaram entre cautela, preocupação e receios. Alguns, disseram que a pesquisa seria bem-vinda, pois traria uma oportunidade de troca e informação e serviria como capacitação para receber, compreender a cultura surda como um todo. Outros ficaram receosos diante desta nova experiência em adequar-se com os aspectos envolvidos com a cultura surda, com medo de serem responsabilizados por situações que não conseguem tratar, caso apareça na sua instituição de ensino. Um dos grupos ficou bem motivados em futuramente adequar-se caso em sua grade de alunos estejam matriculados “Surdos”. Outra instituição de ensino explicou que caso apareça algum “Surdo” eles explicariam que não estão equipados, preparados e assim sugeriria buscar uma outra instituição de ensino.

A análise do material qualitativo foi realizada dando ênfase às estruturas de relevâncias dos sujeitos ouvintes, “Surdos” e deficientes auditivos, dos sentimentos e das ações dos grupos e das instituições.

## **Resultados e discussão**

### **Perfil das instituições**

Três instituições foram estudadas:

(1). Uma instituição de ensino pública de grande porte, caracterizada pelo modelo tradicional de ensino, atentos e atuantes à realidade local e comunitária, comprometida com a promoção social, a inclusão.

(2). Uma instituição de ensino privada de médio porte, caracterizada pelo modelo tradicional de ensino para sujeitos ouvintes, atentos à realidade local e comunitária, porém não atuantes, demonstraram uma leve disposição de desenvolver futuramente alguma ação social em promover alguma ação social a inclusão.

(3). Uma instituição de ensino de grande porte, caracterizada pelo modelo tradicional de ensino tradicional para sujeitos ouvintes. No entanto, não demonstrou

interesse em desenvolver estruturas ou habilitar os seus colaboradores a se envolver em ações social a inclusão.

Cada modelo descrito, ora fortalecendo a pessoa com deficiência e sua família, dentro de sua perspectiva, de sua visão educacional, ora promovendo a inclusão e atuando na promoção social e no apoio em sua comunidade.

As diferenças entre as instituições e os seus respectivos modelos de ensino refletiram-se em modos distintos de se apropriar do tema " Surdos e deficientes auditivos". Na instituição que por alguns anos está ligada ao trabalho social, inclusão, o tema "A Comunicação utilizada pelos Surdos e a comunicação utilizada pelos deficientes auditivos suas diferenças" ganhou maior visibilidade e nas outras instituições de atuação pedagógica, o tema despertou o interesse, especialmente nas narrativas dos profissionais e gestores de aprofundar-se nesta temática.

Entre os voluntários envolvidos na pesquisa para o preenchimento do questionário, tivemos 40 participantes, entre educadores, profissionais de outras áreas e alunos. Durante a aplicação do questionário em sala de aula nos mostrou que os alunos absorveram conhecimento sobre a surdez e se sentiram induzidos a procurar outras fontes de leitura para ampliar seu conhecimento sobre a nossa temática. Observamos que para eles a surdez, apresenta-se mais como doença do que como um aspecto cultural. Entre as famílias, predominaram as demandas acerca dos direitos e vivências sobre o dia-a-dia de cuidados ao filho com deficiência ou "Surdo".

Examinando as respostas dos questionários fomos surpreendidos com o fato que um dos alunos, voluntário da validação, L.S.C. de 18 anos é portador de implante coclear. Durante o tempo de Pesquisa, L.S.C. não se identificou, como surdo, seu comportamento se mostrou invisível dentro do grupo de pesquisa, durante toda palestra L.S.C. passou de forma discreta. Comprovando que os deficientes auditivos querem se sentir inseridos na sociedade não se identificam com os aspectos da comunidade surda. Somente ao responder a pesquisa que de forma discreta identificou-se portadora de implante coclear. Não tivemos, por inexperiência, nenhuma pergunta sobre a possibilidade de alguém ter um implante ou se conhecia alguém que o tivesse. Os poucos que trouxeram suas contribuições sobre o assunto foram em base pessoal, isto é, experiência pessoal, por ter algum familiar deficiente auditivo na família, como por exemplo, um avô. Assim sendo, fora do conhecimento da área médica, o conhecimento, sobre os costumes, cultura ou história dos surdos como um todo é bem limitado.

Em hospitais ou clínicas médicas os problemas são ainda mais graves. A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, não é um idioma difundido entre esses especialistas.

Ficou claro para nós que os problemas mais agudos são preocupação e receio gerado pelo preconceito, capacitismo. E frente a eles, alguns profissionais, possuem pouca ou nenhuma informação, qualificação adequada para proceder com o trabalho social, inclusão destes no ambiente escolar. Justificando que outros órgãos já atuam nesta área, assim se sentem motivados a não ter uma participação mais ativa na educação que envolve, a inclusão dos surdos "Surdos" e deficientes em sua região.

### Conclusões finais

Ninguém pode negar a relevância da temática desse artigo. Como por exemplo, a Lei Federal n.º 10.436, em seu artigo 4º. Temos que: "O Sistema Educacional Federal e Sistemas Educacionais, Estaduais, Municipais e do Distrito Federal", devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistérios, em seus níveis médio e superior, o ensino da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS; contudo poucos a conhece ou a usa fora da comunidade Surda. Falta interpretes nas escolas ou professores com aprendizado em LIBRAS.

Assim sendo, como poderemos dar condições aos "Surdos" e aos "deficientes auditivos" para se integrarem melhor em nossa sociedade? Por que a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, não é usada como elo, de aproximação por médicos e especialistas quando o "Surdo" está se preparando para procedimentos cirúrgicos?

Há também um significativo desconhecimento do que é surdo, "Surdo" e deficiente auditivo. Por exemplo, se desconhece que contrariamente ao que muitos podem supor o "Surdo" que se identifica com língua de sinais e a comunidade surda não gosta de ser chamado de deficiente auditivo. O Surdo tem orgulho de ser surdo e não se considera deficiente. Os Surdos sabem que não podem ouvir, mas sabem também que podem fazer qualquer coisa que outras pessoas fazem, exceto o ouvir. Eles acreditam que é normal ser surdo, e que não há necessidade de "consertar" seus ouvidos. Como observado, muitos veem a surdez como doença e não como aspecto cultural.

O artigo deixa claro, a necessidade de uma inclusão bilateral, pois não é só o surdo que tem que se incluir no mundo dos ouvintes, antes cabe a todos esse processo de inclusão. Os surdos até um futuro próximo, não deixarão de ser surdos, então cabe a toda sociedade humana o ato de incluir-se por aprender LIBRAS e todos os outros aspectos defendidos neste artigo.

Contudo, não cabe a esse humilde artigo encerrar essa discussão. Ou ser dono da verdade. Pois futuramente, poderemos novamente mais profundamente com ouvintes de todas as áreas e formações, e com a comunidade surda rever todos os aspectos relevantes relacionados neste artigo.

### Referências

- BANDEIRA, LOURDES & BATISTA, ANALÍA SORIA. (2002). Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 119-141. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100007>. Acesso em: 30 set. 2020.
- BERNARDINO, ELIDÉA. (2001). **Absurdo ou Lógica? Os surdos e sua produção linguística**. Minas Gerais: Espaço.
- BRANCALEONE, CASSIO. (2008) Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 39, n. 1, p. 98-104. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/899>. Acesso em: 30 set. 2020.
- BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. (2002). Decreto Lei n.º10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – e dá providências. Brasília: Diário Oficial da União.
- BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. (2005). Decreto Lei n.º 5.626, janeiro de 2005.
- BRASIL, PRESIDENCIA DA REPUBLICA. (2008). Decreto Lei n.º 11.796, de 29 de outubro de 2008. Fica instituído o dia 26 de setembro de cada ano como o Dia Nacional dos Surdos. Diário Oficial da União.
- BRASIL, PRESIDENCIA DA REPÚBLICA. (2011). Decreto Lei n.º 7.612, de 17 de novembro de 2011.
- BATTI, CRISIANE BEZ, & SELL, FABÍOLA SUCUPIRA FERREIRA. (2017). Desmistificando o implante coclear: Estudo de caso acerca da importância da LIBRAS em surdos implantados – Anais do XIII Encontro do grupo de pesquisa, Educação, Arte e Inclusão – “A inclusão vista por diferentes ângulos: subsídios para o ensino de artes e para a educação”. UFSC – UESC. Disponível em: <http://www.virtual.udesc.br/eventos/xiiiencontro/Artigo%201%20-%20p.3-17.pdf>. Acesso em: 7 de set. 2018.
- BISOL, CLÁUDIA, & SPERB, TANIA MARA. (2010). Discurso sobre a Surdez: Deficiência, Diferença, Singularidade e Construção de Sentido. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**.

- Brasília, vol. 26, n.1, pp. 7-13, Jan-mar. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a02v26n1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2018.
- BISOL, CLÁUDIA ALQUATI, & VALENTINI, CARLA BEATRIZ. (2011). Surdez e Deficiência auditiva - qual a diferença? Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS. Disponível em  
[http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA\\_SURDEZ\\_Surdez\\_X\\_Def\\_Audit\\_Texto.pdf](http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf). Acesso em: 25 ago. 2018.
- CARDOSO, ISRAEL GONÇALVES. (2010). A Educação Física Escolar e a Inclusão do Portador de Surdez. Monografia de Educação Física da FEAP/ISEFOR. Além Paraíba-MG. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20REVISTA%2017%20Israel%20Gon%C3%A7alves%20Cardoso.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- CARDOSO, ISRAEL GONÇALVES. (2016). Surdo-Mudo ou Mudo, Deficiente Auditivo ou Surdo: Qual? Dessas terminologias pode-se adotar? **Revista Virtual de Cultura Surda**. Edição n.º17/fev. ISSN 1982-6842. Disponível em: [http://editora-arara-azul.com.br/site/revista\\_edicoes](http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes) Acesso em: 18 jun. 2018.
- CICCONE, M. Comunicação total: introdução, estratégia, a pessoa surda. Rio de Janeiro: Cultura Médica. Acesso em: 2 out. 2020.
- CKASTRUP, LAURA POZZANA VIRGÍNIA. (2020). Encontros com a Deficiência na Universidade: Deslocando o Capacitismo em Oficinas de Formação Inventiva. Mnemonize, vol. 16, n.º1, p.33-52 – Parte Especial – Disponível em:  
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/52679/0>  
Acesso em: 2 out. 2020.
- COLL, CESAR; MARCHESI, ÁLAVARO; PALACIOS, JESÚS. (2004). (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. v. 1. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/1/41>. Acesso em: 1 out. 2020.
- CRUZ, AGNES LUISA FRACASSO DA. (2010). Os surdos e sua relação com a Família: Fator inclusão/ exclusão e aprendizagem. **Revista Pandora Brasil** - ISSN 2175-3318  
**Revista de humanidades e de criatividade filosófica e literária**. Disponível em:

[http://revistapandorabrasil.com/revista\\_pandora/libras/agnes.htm](http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/libras/agnes.htm). Acesso em: 4 out. 2020.

DESSEN, MARIA AUXILIADORA, & BRITO, ANGELA MARIA WAKED DE. (1997). Reflexões sobre a deficiência auditiva e o atendimento institucional de crianças no Brasil. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, (12-13), 111-134. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1997000100009>. Acesso em: 1 out. 2020.

DÓRIA, A. R. f. (1986). *A Linguagem Oral*. Rio de Janeiro: INES (Originalmente publicado em 1940).

FERNANDES, JOMARA MENDES, & FREITAS-REIS, IVONI. (2020). A História da Educação de Surdos: uma relação com Aspectos da Semiótica de Peirce. **Revista Educação Especial em Debate**, v.5, n.9, p.21-37, jan.-jun. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/reed>. Acesso em: 1 out. 2020.

GAGLIARDI, C. & BARRELLA, F.F. (1986). Uso da informática na educação do deficiente auditivo: um modelo metodológico [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *XVI Reunião Anual de Psicologia* (pp.120-123). Ribeirão Preto: SPRP.

IESDE, INTELIGENCIA EDUCACIONAL E SISTEMAS DE ENSINO. (2020). **Os Surdo e as suas Relações Sociais**. Inteligência Educacional de Ensino. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17962/material/O%20surdo%20e%20suas%20rela%C3%A7%C3%B5es%20sociais.pdf> Acesso em: 4 out. 2020.

INFOPÉDIA. (2020). Comunicação. Dicionário Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$comunicacao](https://www.infopedia.pt/$comunicacao). Acesso em: 1 out. 2020.

LANE, HARLAN. (1992). **A máscara da Benevolência. A comunidade Surda Amordaçada**. Coleção Novos Horizontes Pedagógicos. Tradução: Cristina Reis. Lisboa: Instituto Piaget.

- MARCHESI, ÁLVARO. (1996). **Comunicação, Linguagem e Pensamento**. Em Cesar Call; Jesús Palácios; Álvaro Marchesi. (Org.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação*, pp. 200-216. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MELLO, ANAHÍ GUEDES DE. (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência e saúde coletiva*, v.21 n.10, p. 3265-3276. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2016.v21n10/3265-3276/pt/> Acesso em: 2 out. 2020.
- MERCER, JANE R. (1974). **Labeling the Mentally Retard**. Berkeley and Los Angeles: University of Carolina Press. PP, 319. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/sf/53.2.370> Acesso em: 1 de out. 2020
- NAKAGAWA, HEI. (2012). *Cultura surdas: o que se vê, o que se ouve*. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Portugal. Disponível em: [http://www.repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8801/1/ulf/128697\\_tm.pdf](http://www.repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8801/1/ulf/128697_tm.pdf) Acesso em: 28 jul.2018.
- OMOTE, SADAÓ. (1995). A integração do deficiente: um pseudo-problema científico. *Temas em Psicologia*, 3(2), 55-62. Recuperado em 01 de outubro de 2020, Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1995000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1995000200007&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 1 out. 2020
- PELIN, LEONICE. (2013). *Estratégias para a Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista*. 43 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira. Disponível em: [http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4458/1/MD\\_EDUMTE\\_2014\\_2\\_96.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4458/1/MD_EDUMTE_2014_2_96.pdf). Acesso em: 4 out. 2020.
- QUIRÓS, J. B. GUELER, F.S. (1966) *La comunicación humana y su patologia: Ensayo Histórico hasta 1900*. Buenos Aires, Argentina: Casa Ares. (Acervo INES)
- RODRIGUES, IARA, & RODRIGUES, LILIANA. (2011). *Comunicação Visual, inclusão e cidadania*. Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa Comunicação – FBN. Disponível

em: <http://repositorioinstitucional.fb/bitstream/prefix/424/1/ART-RODRIGUES-Comunicacao-2011.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

SASSAKI, ROMEU KAZUMI. (2003). Terminologia Sobre Deficiência na Era da Inclusão.

Disponível em:

[http://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/TERMINOLOGIA\\_SOBRE\\_DEFICIENCIA\\_NA\\_ERA\\_DA\\_INCLUSAO.pdf](http://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/TERMINOLOGIA_SOBRE_DEFICIENCIA_NA_ERA_DA_INCLUSAO.pdf). Acesso em: 17 jul.2018.

SILVA, CÉSAR AUGUSTO DE ASSIS; ASSÊNIO, CIBELE BARBALHO; SANDES, LESLIE LOPES & ALMEIDA, PRISCILA ALVES DE. (2009). Dia do Surdo na Avenida Paulista: Etnografando a Mobilização Política Pelas Escolas Especiais, *Ponto Urbe* [Online], 5 | posto online no dia 31 dezembro 2009, Disponível em:

<http://journals.openedition.org/pontourbe/1602> DOI:

<https://doi.org/10.4000/pontourbe.1602> Acesso em: 2 out. 2020.

STROBEL, KARIN LILIAN. (2008). **Surdos: Vestígios Culturais não registrados na História.**

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa Pós-Graduação em Educação. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91978/261339.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 set. 2018.

TAVANTE, MARINA DE OLIVEIRA. (2008). A comunicação entre deficiente auditivo e

Ouvinte no ambiente de trabalho: Construindo uma nova relação. PUC-SP p. 14.

Disponível em:

<<http://www.sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18755/2/Mariana%20de%20Oliveira%20Tavante.pdf>> Acesso em: 9 set. 2018.

VIEIRA, Cristiana de Sousa. (2016). Novo conceito de pessoa com deficiência. **Revista**

**Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 21, n. 4812, 3 set. Disponível

em: <https://jus.com.br/artigos/51640>. Acesso em: 4 out. 2020.

**ABSTRACT:**

This article aims to discuss, from a survey, the differences in “Deaf”, deaf and hearing impaired, with emphasis on the date of September 26 - National Day of the Deaf. Despite the fixed date, large parts of the five million Brazilian deaf people are still invisible to society. In this study, we intend to assess the level of interest, knowledge of those involved in the presentation of this topic. Communication between the deaf and the Society is very limited. Despite some advances, capacitism is present in the life of the Deaf. Thus, it is necessary to create, more and more, mechanisms that act in the inclusion of the Deaf, reducing the social, cultural, economic gap that exists between the deaf community and society in general. As a researcher, I conclude by highlighting the need for the entire deaf community to establish themselves, for being present with their culture, building their identity.

**KEYWORDS:** Communication. Deaf Community. Hearing impaired. Deaf.

**RESUMEN:**

Este artículo tiene como objetivo discutir, a partir de una encuesta, las diferencias entre “Sordos”, sordos y deficientes auditivos, con énfasis en la fecha del 26 de septiembre - Día Nacional de los Sordos. A pesar de la fecha fijada, gran parte de los cinco millones de sordos brasileños siguen siendo invisibles para la sociedad. En este estudio pretendemos evaluar el nivel de interés, conocimiento de los involucrados en la presentación de este tema. La comunicación entre los sordos y la Sociedad es muy limitada. A pesar de algunos avances, el capacitismo está presente en la vida de las personas sordas. Así, es necesario crear, cada vez más, mecanismos que actúen en la inclusión de las personas sordas, reduciendo la brecha social, cultural, económica que existe entre la comunidad sorda y la sociedad en general. Como investigador, concluyo destacando la necesidad de que toda la comunidad sorda se establezca, esté presente con su cultura, construyendo su identidad.

**PALABRAS-CLAVE:** Comunicación. Comunidad de sordos. Personas con discapacidad auditiva. Sordo.